

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

RAFAEL DOMINGUES DA SILVA

**POLE TEATRAL:
POSSÍVEIS INSERÇÕES DO POLE DANCE NO TEATRO**

**PORTO ALEGRE
2023**

RAFAEL DOMINGUES DA SILVA

**POLE TEATRAL:
POSSÍVEIS INSERÇÕES DO POLE DANCE NO TEATRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Teatro do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Saidel

PORTO ALEGRE

2023

CIP - Catalogação na Publicação

da Silva, Rafael Domingues
POLE TEATRAL: Possíveis inserções do pole dance no
teatro / Rafael Domingues da Silva. -- 2023.
49 f.
Orientador: Henrique Saidel.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Teatro: Interpretação Teatral,
Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Teatrl. 2. Pole dance. 3. Atuação. 4. pole
teatral. 5. artes. I. Saidel, Henrique, orient. II.
Título.

RAFAEL DOMINGUES DA SILVA

**POLE TEATRAL:
POSSÍVEIS INSERÇÕES DO POLE DANCE NO TEATRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Teatro do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Teatro.

Aprovado em 13 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Claudia Muller Sachs

Prof.^a Dr.^a Patrícia Leonardelli

Orientador: Prof. Dr. Henrique Saidel

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecer ao meu pai Sebastião Francisco da Silva que sempre acreditou em mim;

Às minhas irmãs Andressa Domingues, Gabriela Domingues e Rafaela Domingues e ao meu irmão Gabriel Domingues que estiveram sempre ao meu lado;

Ao meu orientador do TCC Henrique Saidel;

Às professoras Cláudia Sachs e Patricia Leonardelli, que fazem parte da banca;

Aos professores que tive contato ao longo da minha graduação;

Ao Renê de Palma, à Alycia Cavalli e as demais colegas que fizeram parte da minha jornada;

Ao meu orientador de estágio de atuação Thiago Pirajira, aos diretores do meu estágio Bruno Fernandes e Fernanda Fiuza, e as demais pessoas que fizeram parte da montagem do meu estágio de atuação;

Ao Departamento de Arte Dramática e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

E a todos aqueles que fizeram parte da minha trajetória acadêmica.

DEDICATÓRIA

DEDICO ESSE TRABALHO A MINHA MÃE CLEONICE, QUE SEMPRE ACREDITOU EM MIM E QUE INFELIZMENTE NÃO ESTARÁ PRESENTE EM VIDA PARA VER ESSE SONHO SE REALIZAR. MAS SEI QUE ESTÁ MUITO FELIZ COM MAIS ESSE PASSO DADO POR MIM.

RESUMO

O trabalho aborda a prática do pole dance, explorando suas diferentes vertentes e sua potencialidade como forma de expressão artística. A pesquisa procura desmistificar a associação do pole dance apenas a boates, discutindo suas origens históricas, influências e evolução ao longo do tempo. O estudo também explora a ressignificação da barra de pole dance como um objeto de expressão artística e sua relação com o corpo humano, sugerindo outras maneiras de entender a estética corporal. A pesquisa destaca a proposição de uma nova vertente chamada "Pole Teatral", que busca unir o pole dance com elementos do teatro, explorando a dramaticidade, a narrativa e a expressão corporal. A autora enfoca a possibilidade de incorporar o pole dance em espetáculos teatrais, apresentando exemplos de obras que utilizam a barra de pole dance de maneira criativa e inovadora.

Palavras-chave: Pole teatral; Pole dance; Corpo; Barra vertical; Processos criativos.

ABSTRACT

The work addresses the practice of pole dance, exploring its different aspects and its potential as a form of artistic expression. The research seeks to demystify the association of pole dancing solely with nightclubs, discussing its historical origins, influences and evolution over time. The study also explores the resignification of the pole dance bar as an object of artistic expression and its relationship with the human body, revealing other ways of understanding bodily aesthetics. The research highlights the creation of a new aspect called "Theatrical Pole", which seeks to unite pole dance with elements of theater, exploring drama, narrative and body expression. The author focuses on the possibility of incorporating pole dancing in theater shows, presenting examples of works that use the pole dance bar in a creative and innovative way.

Keywords: Theatrical pole; Pole dance; Human body; Vertical bar; Creative process.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mallakkhamb	12
Figura 2. Flávia Alessandra interpretando Alzira	13
Figura 3. Pole Dance	14
Figura 4. Estúdio de pole dance	16
Figura 5. Biomecânica	21
Figura 6. Biomecânica e pole dance	22
Figura 7. O croqui do figurino	25
Figura 8. O figurino	26
Figura 9. Espetáculo Bach	27
Figura 10. Espetáculo Bach e barras	30
Figura 11. Espetáculo Las Viudas	30
Figura 12. Espetáculo Las Viudas	32
Figura 13. Espetáculo Las Viudas	33
Figura 14. Espetáculo Beije Seu Preto Em Praça Pública	34
Figura 15. Espetáculo Beije Seu Preto Em Praça Pública	35
Figura 16. Fun - A Festa Espetáculo	37
Figura 17. Ator Pole Dancer	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: O POLE DANCE.....	11
2 EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS.....	18
3 FIGURINOS	23
4 POLE NA CENA	27
4.1 ESPETÁCULO “BACH”	27
4.2 ESPETÁCULO “ LAS VIUDAS”	30
4.3 ESPETÁCULO “BEIJE SEU PRETO EM PRAÇA PÚBLICA”	34
4.4 “FUN’ – A FESTA ESPETÁCULO”	37
5. CONCLUSÕES FINAIS: O POLE TEATRAL	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42
ANEXO I – CRÍTICA FEITA POR DIEGO FERREIRA SOBRE “BEIJE SEU PRETO EM PRAÇA PÚBLICA”	43
ANEXO II – CRÍTICA FEITA POR KYNAÊ NARCISO SOBRE “BEIJE SEU PRETO EM PRAÇA PÚBLICO”	
ANEXO III – SINOPSE BEIJE SEU PRETO EM PRAÇA PÚBLICA	

1. INTRODUÇÃO: O POLE DANCE

Quando alguém fala sobre pole dance, o que você imagina? É uma dança, um esporte, está associado a boates, é uma nova modalidade *fitness*, tem vínculo com o circo... Neste trabalho, pretendo aprofundar o estudo em pole dance a fim de auxiliar artistas tanto do teatro quanto do pole e propor mais uma vertente para essa modalidade, o *pole teatral*.

A prática de pole dance é algo centenário, mas sua real origem ainda é incerta. Muitos *sites* e artigos apontam que essa prática é derivada do Mallakhamb, uma modalidade esportiva indiana que surgiu no século XII. A grande maioria de seus praticantes era composta por atletas homens, pois era utilizada na preparação física de soldados para a guerra. Atualmente, não há mais essa distinção de gênero. Seu nome Mallakhamb vem de uma junção de duas palavras do hindu: “malla” que significa ginástica e “khamba”, que quer dizer poste. Ele tem como base uma estrutura de madeira juntamente de cordas para a sustentação do corpo e, a partir dessa estrutura, seus praticantes criam formas e figuras abstratas.

Outras pessoas dizem que o pole dance se origina do Mastro Chinês, uma prática circense que utiliza uma barra de ferro com 3 a 9 metros para executar movimentos acrobáticos e de calistenia. A estrutura da barra e movimentos do mastro chinês se assemelham bastante com as do pole dance atual. No entanto, a barra é envolta com uma capa emborrachada, permitindo que seu praticante possa executar os movimentos com figurinos que cubram todo o corpo, ou seja, não tendo o atrito da pele com a barra, diferente do pole tradicional. Alguns relatos afirmam que o próprio mastro chinês teve como inspiração o Mallakhamb indiano.

Figura 1. Mallakkhamb

Fonte: CGTN¹

Esse tipo de ginástica acrobática, quando começa a ser praticada em países ocidentais, por volta dos anos 1920, adota um outro viés, mais erotizado, sensual. As responsáveis por essa virada foram as dançarinas eróticas Hoochie Coochie, que utilizavam os mastros que seguravam as lonas dos circos para dançar e seduzir seu público. Acredita-se também que esse público era composto por soldados norte-americanos, já que as dançarinas Hoochie Coochie surgiram na época da Grande Depressão Americana.

Com o passar dos anos, a arte burlesca também começa a utilizar uma barra vertical para fazer apresentações em bares, que futuramente se tornariam casas de *strip-tease*. Essa dança/esporte ganhou muita visibilidade a partir de 2004, quando grandes celebridades como Madonna, Kate Moss e Angelina Jolie apareceram em shows e filmes fazendo uso dessa prática.

No Brasil, o pole dance popularizou-se quando a Rede Globo de Comunicações exibiu a novela *Duas Caras*, em 2007, na qual a atriz Flávia Alessandra interpretava a personagem Alzira, uma dançarina de boate. Com essa referência, os brasileiros iniciaram um certo interesse para praticar pole. Ao mesmo tempo, essa mesma

¹ Mallakkhamb é um dos esportes mais antigos da Índia. Envolve a ginasta realizando posturas acrobáticas de ioga aérea e luta livre em um poste vertical de madeira ou corda. Uday Deshpande, de 65 anos, que já foi ginasta de nível nacional no esporte, ensina Mallakkhamb em Mumbai. Disponível em: https://news.cgtn.com/news/3d3d414e7749444f79457a6333566d54/share_p.html. Acesso em 14 set. 2023.

referência reforçou o estigma de que o pole dance se limita apenas à dança de casas noturnas.

Figura 2. Flávia Alessandra interpretando Alzira



Foto: TV Globo/Leo Lemos²

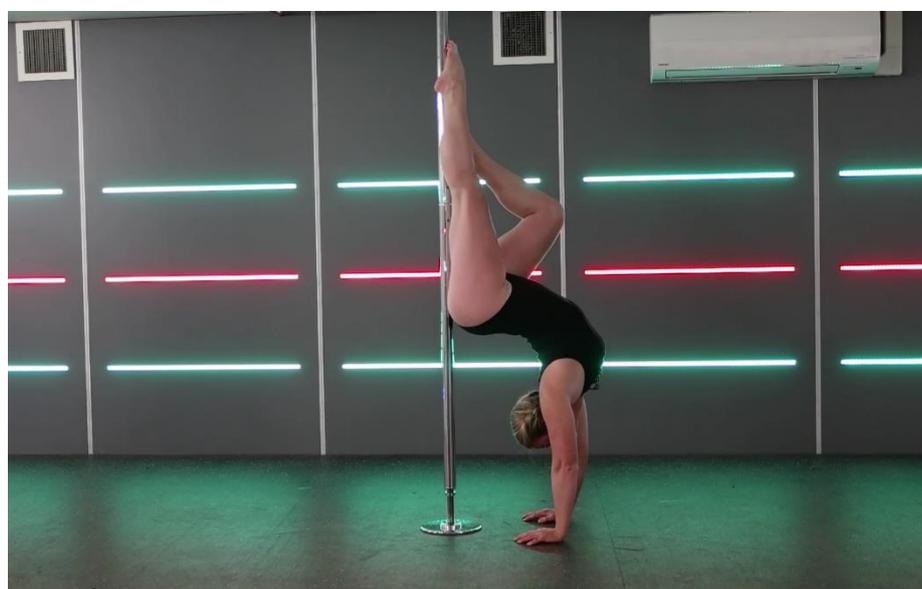
Atualmente, existe um forte movimento para a popularização de todas as áreas do pole dance, para que todos possam experienciar e se encontrar na modalidade com a qual mais sentem afinidade. O primeiro estúdio de pole dance surgido no Brasil foi o Studio Grazy Brugner, em Curitiba/PR, fundado em 2008 pela bailarina e professora de educação física Grazieli Silva Brugner. Ela também criou sua própria metodologia de ensino, para capacitar instrutores de Pole Dance:

Ainda em dezembro do mesmo ano, Brugner criou uma metodologia de ensino de Pole Dance para curso de capacitação de instrutores (IV Congresso Brasileiro Inspirar de Pole Dance Wellness, 2014). Em sua trajetória, capacitou mais de 1.300 Instrutores entre Brasil e América Latina, têm mais de 2.200 alunas on-line e já ministrou aulas, cursos, workshops para mais de 7.000 mulheres no presencial.” (Santos, 2022, p.21)

² Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2021/09/05/flavia-alessandra-revela-des-lize-em-cenasensual-de-duas-caras-so-eu-sei-169090.php>. Acesso em 14 set. 2023.

O pole dance que você provavelmente conhece, hoje em dia, não se diferencia muito do que era feito no passado: ainda executamos movimentos em torno de uma barra vertical – porém, agora com algumas mudanças e aperfeiçoamentos nesses movimentos. Atualmente, contamos com diversas vertentes, que enriquecem ainda mais essa prática: *Pole Sport*, *Pole Exotic*, *Pole Art*, *Pole Sensual*, *Pole Street*, *Pole Contemporâneo* e *Pole Coreográfico*. Comumente, todas as vertentes trabalham a força e a flexibilidade da pessoa que vai praticar. Porém, cada uma delas tem características estéticas e compositivas próprias.

Figura 3. Pole Dance



Fonte: Aulas de pole dance para iniciantes – Arquivo Pole Dance London³

Pole Sport/Acrobático/Fitness: é uma vertente com diversos nomes, e varia da prática do Mallakhamb e do Mastro Chinês. Foi criado para ser uma opção para pessoas que procuravam a definição do corpo e o emagrecimento, pois trabalha com muitos movimentos de calistenia. Hoje, conta com uma federação mundial e nacional e um sistema de pontuação para competições. É a vertente mais comum de se encontrar em estúdios e aulas de pole.

Pole Exotic e Sensual: as duas vertentes nasceram a partir da prática de pole dance em boates e cabarés e utilizam da sensualidade como base. O Pole Sensual

³ Disponível em: <https://polesportlondon.co.uk/tag/pole-dancing-classes-for-beginners/>. Acesso em 14 set. 2023.

tem foco maior na sedução e erotização do movimento. Já o Pole Exotic também trabalha a sensualidade do corpo, mas unindo as acrobacias do Pole *Sport* e a utilização de saltos para dançar (também chamados de *pleaser*, e que variam sua altura entre 17 e 30 centímetros). Existem competições para essa vertente.

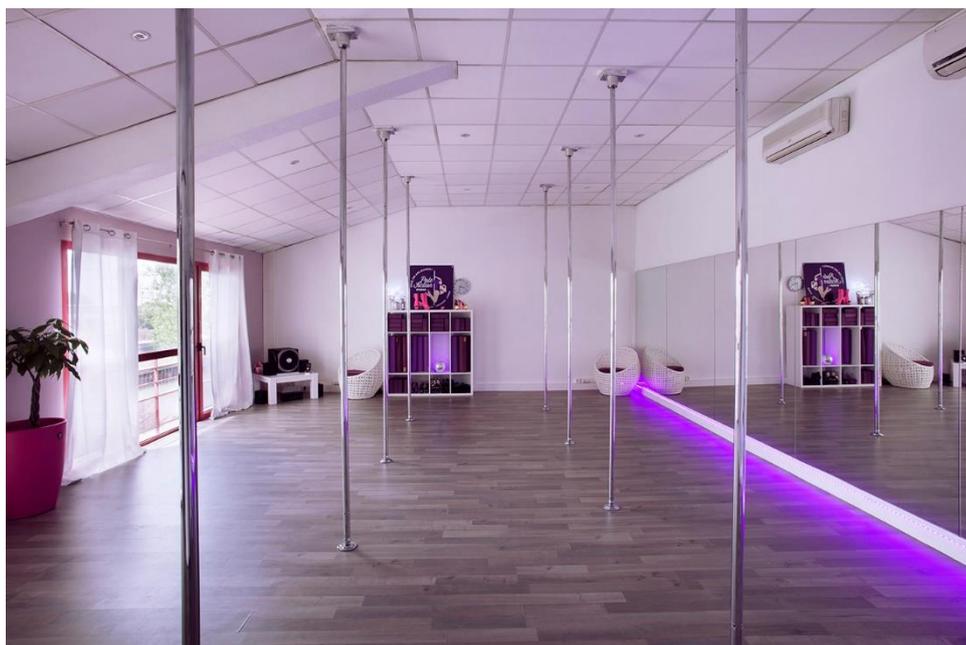
Pole Art e Pole Contemporâneo: duas vertentes muito parecidas, utilizam de movimentos mais fluidos, acrobacias e combos que trazem leveza para os olhos de quem vê. No Pole Art, busca-se contar uma história com os movimentos dançados. Já o Pole Contemporâneo é uma adaptação do ballet contemporâneo e não tem a obrigação de mostrar uma narrativa.

Pole Street: essa modalidade surge como tentativa de combater o preconceito para com a prática de pole dance. Se difere das demais modalidades porque une movimentos acrobáticos e danças urbanas. É realizada fora de estúdios ou ambientes fechados, utilizando de postes na rua, árvores, placas de trânsito, entre outros objetos verticais disponíveis no ambiente que o praticante esteja.

Pole coreográfico: une elementos de todas as vertentes junto com movimentos da dança, na tentativa de criar coreografias. Utiliza tanto de movimentos na barra quanto fora dela.

Tecnicamente, a barra vertical mais comum de se encontrar em estúdios é a feita de aço inox, sem um padrão para sua altura. Uma mesma barra pode apresentar a opção estática (fixa) e a opção giratória, proporcionando para o pole dancer mais liberdade criativa para executar sua performance. Diferente do Mastro Chinês, que usa de uma capa emborrachada na barra, o pole dance tradicional não tem nenhum outro material além do aço inox. Assim, para que seus praticantes possam fazer suas travas e figuras, é preciso colocar seus corpos em exposição, pois é necessário o atrito da pele com a barra para conseguir ficar parado e não cair quando se está no alto.

Figura 4. Estúdio de pole dance



Fonte: Pole Fiction Studio Toulouse⁴

Essa exposição interfere não só no estigma que recai sobre o pole dance, mas também nos figurinos que seus praticantes irão usar para suas apresentações. Isso influencia também no pensamento de figurino para a cena, já que esse trabalho trata dessa questão.

Ao praticar pole, notei que poderia haver uma certa dramaticidade em suas figuras, movimentos, acrobacias, giros e afins, todos esses *moves*⁵ e *combos*⁶ levavam a minha imaginação para um outro patamar além da dança e do esporte. Comecei, então, a ver nessa prática uma nova maneira de criar teatro e, a partir disso, fazer com que o pole amplie sua fama de ser uma dança exclusivamente de boate e possa se tornar também material de pesquisa em teatro. Adicionar um texto dramático juntamente de uma coreografia na barra de pole me fez entender que havia uma dramaturgia naquela ação, que ia muito além da dança-teatro: o corpo contava uma história diferente de quando se expressava fora dessa barra. O corpo se transforma, se desfigura, anula o que é corporalmente humano e dá espaço para um conjunto de

⁴ Disponível em: <http://polefictionstudio.com/accueil/le-studio/>. Acesso em 14 set. 2023.

⁵ Movimentos e figuras isoladas feitos na barra de pole dance;

⁶ Sequência de moves com uma transição fluída entre eles.

partes que formam figuras inumanas – talvez beirando a monstruosidade – mas que, ao mesmo tempo, tem uma leveza de borboleta.

Esta pesquisa também aborda questões sobre o corpo. De maneira diluída ao longo do texto, falo sobre corpos, mas não esses corpos e suas diversidades que estamos acostumados a ver: trago para essa conversa um corpo inumano, materializado, vivo ou inanimado, que pode constituir e dar força para uma performance. A prática de pole dance nos revela uma nova maneira de ver o corpo humano, para além de braços, pernas, tronco e cabeça, e nos mostra um desfiguramento corporal ao executar determinadas figuras e *moves*.

Mas qual é esse corpo inanimado, sem vida? A própria barra de pole dance! Há também uma tentativa de ressignificação da barra vertical para além do seu uso comum. Essa barra pode ter outras funcionalidades, se tornar outros objetos para contar história e talvez se tornar a própria performer e não somente o objeto usado pelo performer. No artigo “Brinquedos, Duplos e Outros Corpos Performáticos: Experimento A Quatro Mãos”, Henrique Saidel e Marina Ferverza (2020) abordam essa utilização do objeto ou brinquedo de uma maneira além da original:

O brinquedo é o autômato que duplica a presença humana, é o corpo-outro que interage e joga em cena, é o outro-ator que interpela a pretensa humanidade do ator, é o outro-espectador que o faz lembrar e rir-se de si próprio e da imprevisibilidade da arte e da vida. O brinquedo é o duplo que multiplica o corpo-humano, boneco humanoide que expõe a artificialidade da “natureza” humana. Interessa, aqui, o brinquedo que age, que se move, que interage, que performa. Interessa, também, o boneco-performer que duplica o performer-humano, ironizando sua ilusória unicidade e originalidade. (Saidel, 2020, p.1)

Abordar esses assuntos é o que busco: mostrar para você que o pole dance ressignifica o que conhecemos sobre a estética do corpo humano, que uma barra de pole pode ser algo muito além de um ferro vertical usado para fazer acrobacias. Pesquisa maneiras de trazer o pole para dentro da cena teatral, unindo teorias estudadas no teatro e a prática de pole dance, fazendo com que mais uma vertente surja e contribua ainda mais para o trabalho de interpretação do ator.

2 EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS

Tive meu primeiro contato com a prática de pole dance em 2020, um ano depois de entrar para a faculdade de teatro. Lembro de ser um período pandêmico e que não pude experienciar fazer ambas as coisas de forma simultânea, pois a universidade havia entrado em recesso total. Iniciei no pole por influência de um amigo que já o praticava. E, naquele mesmo ano que a universidade procurava uma tentativa de proteger seus alunos da pandemia por COVID-19, abria no mesmo bairro em que morava um estúdio de pole dance. Por estar há algum tempo sem nenhuma prática artística, decidi me explorar nessa área.

Se a pandemia limitou meu contato presencial com o curso de teatro, tive o prazer de fazer os dois primeiros semestres de forma presencial, onde aprendi diversas técnicas e jogos que auxiliariam no meu desenvolvimento teatral. Sempre gostei muito de explorar o corpo em cena e tive contato com modalidades circenses, como tecido, trapézio e acrobacias antes de entrar no Departamento de Arte Dramática (DAD). Dentro do curso de teatro, conheci teóricos e suas técnicas que estudavam o corpo ativo, o corpo que fala, que ajudam a narrar a história.

Um dos teóricos que me chamou muito a atenção para essas questões corporais e que desenvolveu um estudo aprofundado sobre movimento e partitura para interpretação teatral foi o diretor de teatro russo Vsevolod Meyerhold. Meyerhold, conforme publicado por Teatro Escala, procurava fazer a desmontagem dos elementos tradicionais do teatro, como a ilusão realista, em favor de uma estética mais experimental. Era grande defensor da utilização do corpo do ator como uma ferramenta versátil de expressão e valorizava a exploração dos movimentos.

Dentro de sua pesquisa de movimentos teatrais, Meyerhold cria o conceito de Biomecânica, um treinamento rígido para atores como busca de uma nova forma teatral não-realista e altamente expressiva. A Biomecânica crê que o corpo do ator pode ser treinado e disciplinado para realizar movimentos físicos precisos e expressivos no palco. Esses exercícios desenvolvidos por Meyerhold tinham como objetivo melhorar a flexibilidade, agilidade, coordenação motora e força dos atores, e

incluíam saltos, quedas, giros e movimentos acrobáticos, todos com a intenção de ajudar os atores a desenvolverem um repertório físico diversificado.

A partir da pesquisa de Vsevolod Emilevitch Meyerhold, destaco alguns princípios que podem ser chave para o estudo e a realização da biomecânica apresentada pelo autor:

Estudo de Pantomima: Pode-se dizer que a base da biomecânica é o corpo, então o estudo de Pantomima para preparar o ator é extremamente importante. A pantomima desempenha um papel importantíssimo na comunicação dos atores em cena, permitindo que eles possam expressar emoções e narrativas por meio de gestos, sem o uso da palavra.

Ritmo e tempo: Meyerhold dizia que o uso habilidoso do ritmo e tempo variados na criação cênica auxiliariam no dinamismo e sensações transmitidas no palco.

Distorção do corpo: Para alcançar efeitos mais intensos dramaticamente é necessário saber alterar e transformar suas posturas e movimentos de maneiras não naturais. Saber encurvar, torcer e alongar o corpo de forma expressiva.

Plasticidade e elasticidade: Para que possam realizar a distorção corporal de forma segura e natural, os atores que utilizam da teoria da biomecânica para a cena são incentivados a desenvolver a elasticidade dos seus corpos, permitindo que realizem movimentos além da capacidade dos seus corpos.

Gestos externos e Internos: A biomecânica buscava unir gestos externos, aqueles que são visíveis com gestos internos, as emoções e intenções dos atores. Resultando em uma atuação mais profunda e complexa das emoções dos personagens.

Energia e concentração: Para manter a atenção do público e criar uma atmosfera intensa, os atores eram incentivados a manter um alto nível de energia na cena. A concentração era considerada vital para o sucesso da biomecânica.

Ações físicas básicas: Para Meyerhold, estilizar o uso do corpo de maneira complexa era importante, mas ao mesmo tempo os atores deveriam ter o domínio das ações físicas básicas como pular, girar, cair e rolar. Tendo domínio de tais ações os atores conseguiram aprimorar sua agilidade e coordenação.

Ao longo da graduação tive contato com os princípios-chave que Meyerhold nos traz para executar com excelência sua teoria sobre biomecânica, encontramos nesses princípios muitos dos elementos teatrais que usamos em sala de aula, mas ao mesmo tempo é possível identificar elementos muito comuns da prática pole dance. Posso dizer que a teoria de Meyerhold serve facilmente para o estudo que estou realizando sobre pole teatral, pois une corpo e teatralidade.

Assim como Meyerhold diz que é de suma importância preparar o corpo do ator para a cena, no pole dance também devemos preparar nosso corpo para a realização dos movimentos. O que o autor chama de elasticidade, nós, pole dancers, chamamos de flexibilidade e treinamos bastante isso na prática, já que ajuda a realizar com perfeição tudo o que queremos. É claro que não precisamos ser os seres mais flexíveis para praticar pole dance — igualmente para atores que usam das técnicas de biomecânica —, mas quanto mais flexíveis e elásticos somos, menos nos limitamos.

O pole dance é uma prática que desenvolve o corpo do seu praticante de forma gradual: aos poucos, obtemos resultados de força e resistência que sonhamos, e devemos sempre estar ligados a essa prática, para não perdermos tais benefícios. Estar ligado à arte da interpretação e, ao mesmo tempo, ser pole dancer só contribui para ambas as práticas, porque a partir do teatro conseguimos nos desenvolver expressivamente auxiliando muito na hora de criar coreografias para apresentações e afins.

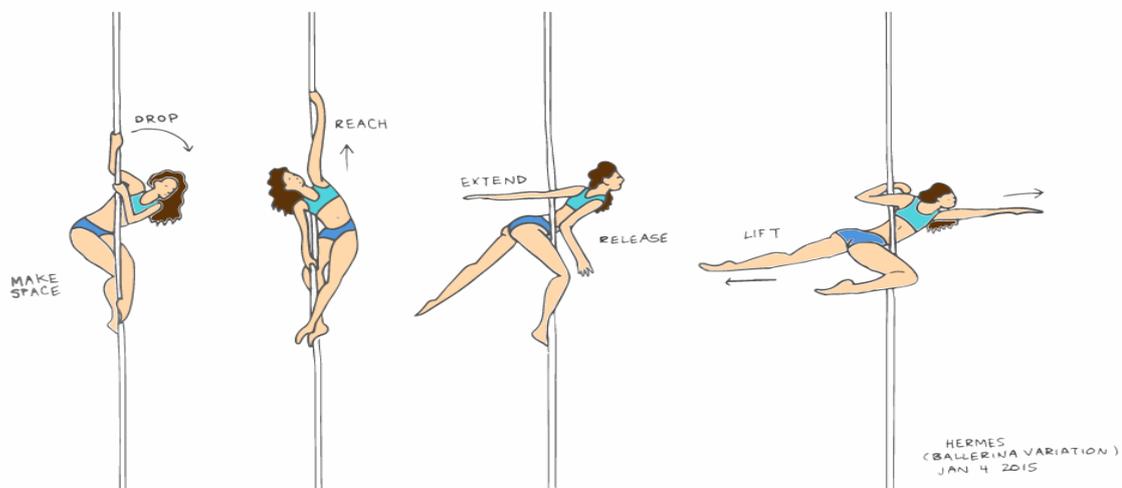
Figura 5. Biomecânica



Fonte: Christianvontreskow⁷

⁷ Disponível em: <https://christianvontreskow.de/Biomechanik;966/1>. Acesso em 14 set. 2023.

Figura 6. Biomecânica e pole dance



Fonte: Kelly Blanco – Reprodução Pinterest⁸

⁸ Disponível em: <https://www.pinterest.nz/pin/dance--8655424268061647/>. Acesso em 14 set. 2023.

3 FIGURINOS

No meio teatral, é necessário pensarmos no que vestir para nos colocarmos em cena. A indumentária do espetáculo auxilia, dentre outras funções, no entendimento narrativo da peça. Os figurinos realistas adotados por muitos espetáculos teatrais são pensados como meio de explicar o que está acontecendo, ou ambientar temporalmente a cena. Alguns diretores e grupos tendem a escolher figurinos minimalistas para suas encenações, a fim de dar mais ênfase à atuação.

Na área do pole dance, a vestimenta não deve atrapalhar o pole dancer na execução de seus movimentos. Roupas que cobrem todo o corpo limitam o praticante de criar movimentos mais dramáticos e/ou arriscados, pois não deixam que certas ações (principalmente as travas) sejam possíveis de fazer. Por isso, é muito comum encontrar pole dancers usando biquínis, sungas, shorts curtos e camisetas coladas, mas para facilitar a sua execução na barra. Contudo, a utilização de pouca roupa, aos olhos de pessoas mais conservadoras, acaba reforçando a ideia de que o pole dance é somente uma dança erótica e que seus praticantes querem exhibir-se, na tentativa de seduzir o público.

A cada dia, a prática de pole dance se moderniza e evolui. Junto dessa evolução, temos as vestimentas usadas por seus praticantes: é possível encontrar materiais que ajudam o praticante a fazer movimentos sem escorregar. Desses materiais são feitas peças de roupas e, a partir delas, o pole dancer consegue criar figurinos mais elaborados e que ajudam a contar uma história. Esses materiais são chamados de *grips* e geralmente tem uma base emborrachada em sua composição, dando mais segurança na performance.

Para meu estágio de atuação, realizado em 2023, fiz uma pesquisa aprofundada para produzir a indumentária que seria utilizada no espetáculo. Por se tratar de uma peça de teatro que une a prática de pole dance, o figurino não pode ser um empecilho na cena e, ao mesmo tempo, deve fazer sentido esteticamente. Conversei com o figurinista Iago Jara, que ficou encarregado de pensar e fazer grande parte das peças que fariam parte do espetáculo, principalmente aquelas que seriam usadas nas cenas com pole dance.

Por não ser praticante de pole, Iago me consultou diversas vezes para conseguir elaborar figurinos que pudessem ser usuais, de fácil colocação e remoção e dessem sentido na narrativa dramatúrgica. Chegamos na construção de peças com muita pele aparente, pernas livres e lugares estratégicos onde não haveriam tecido para auxiliar no atrito da pele com a barra. Entre essas peças estavam um body de veludo azul com recortes no tronco, uma calça pantalonas com as laterais abertas dando mais leveza ao movimento e facilitando a subida na barra, uma tanga de paetês, uma blusa de amarração com diversas franjas escondendo meu tronco e uma sunga marrom.

Figura 7. O croqui do figurino



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 8. O figurino



Fonte: Arquivo pessoal

4 POLE NA CENA

Infelizmente, ainda não temos registros de grandes produções dentro das artes cênicas onde o pole dance seja destaque. Existem espetáculos de dança, circo e festivais que tenham esse elemento, mas quase sempre sendo utilizado de maneira convencional, voltado para a área da dança e trazendo destaque para o performer e não para a barra. Apresentações que unam corpo e voz, elementos comuns de um espetáculo teatral, juntamente com a barra de pole dance, são bem raras.

Tive contato com alguns trabalhos de dança onde a barra de pole dance estava presente na cena, mas não sendo utilizada da maneira convencional, trazendo assim um novo significado para ela. Destaco e apresento, aqui, quatro trabalhos onde acontece essa mistura de corpo, dramaticidade e a barra vertical. Meus comentários com relação a esses espetáculos não têm intuito de criticar ou apontar a maneira certa ou errada de utilizar a barra de pole dance na cena, mas sim contribuir com outra visão para assim difundir que é viável criar uma cena teatral juntamente com a prática de pole dance.

4.1 ESPETÁCULO “BACH”

Figura 9. Espetáculo Bach



Fonte: Grupo Corpo⁹

Estreado em 1996, com coreografia de Rodrigo Pederneiras e trilha sonora de Marco Antônio Guimarães, “Bach” se inspira na arte barroca de Minas Gerais para trazer à cena um espetáculo de dança onde se utilizam elementos cênicos muito parecidos com a barra de pole dance que conhecemos.

“A intensa carga de religiosidade que emana da música de Bach encontra tradução visual no desdobramento do espaço cênico em dois planos: um aéreo/celeste, outro rasteiro/terreno – recurso determinante no resultado final do espetáculo, idealizado por Paulo Pederneiras, diretor artístico e iluminador do grupo, que desta vez assina a cenografia ao lado do “titular da pasta”, o artista plástico Fernando Velloso. Como estalactites futuristas, um feixe de tubos metálicos tingidos de negro se precipita dos urdimentos, criando uma inusitada zona coreográfica, de onde os bailarinos despencam na cena e por onde forjam a ascensão. Iluminada na diagonal a “peça” cenográfica imprime na retina do espectador a imagem (ou semelhança) do instrumento que o compositor alemão tangeu com paixão e maestria.” (Almeida, 1996, p.2)

Os tubos metalizados utilizados no espetáculo "Bach", do Grupo Corpo, são um elemento cenográfico e coreográfico distintivo da produção. Esses tubos são estruturas cilíndricas de metal que os bailarinos manipulam e interagem durante a performance. Eles são usados de maneira criativa para criar diferentes formas, padrões e movimentos, adicionando uma dimensão visual e sensorial única ao espetáculo.

Tais tubos metalizados não apenas proporcionam um visual impressionante, mas também se integram à coreografia, permitindo que os bailarinos explorem interações dinâmicas entre os objetos e seus corpos. A combinação da música de “Bach”, a dança contemporânea e o uso inovador dos tubos metalizados contribuem para a identidade visual marcante e o apelo emocional do espetáculo.

O *pole pendular*, prática que deriva do pole dance tradicional, segue a mesma linha do que foi descrito acima. Essa vertente utiliza uma barra vertical presa ao teto ou alguma outra estrutura deixando ela solta na parte de baixo e fazendo com que ela orbite fazendo movimentos de pêndulo. Seus praticantes fazem movimentos diversos na tentativa de criar imagens com seus corpos e exploram bastante a força,

⁹ Disponível em: <https://grupocorpo.com.br/obra/bach/>. Acesso em 14 set. 2023.

flexibilidade e equilíbrio. O pole pendular é considerado mais perigoso do que o pole tradicional, onde a barra está presa no chão e no teto, pois o movimento pendular da barra faz com que a sensação de ser “empurrado” para fora da barra seja ainda maior. Ao mesmo tempo, ele traz visualmente para o público uma beleza única, fazendo com que o praticante balance, saia do chão e flutue.

Quando assistimos o espetáculo “Bach”, vemos que ele envolve diversos elementos da dança, teatralidade, técnicas corporais bem executadas. Mas podemos dizer que esse espetáculo seria de pole dance? “Bach” teve sua estreia em 1996 e, nessa época, a prática de pole dance enquanto dança não era muito comum: via-se em algumas apresentações circenses, mas enquanto uma dança que poderia ser incorporada a um espetáculo contemporâneo que une elemento da dança e do teatro, era bem incomum. Levando em consideração esses dados, poderíamos considerar que “Bach” não poderia ser considerado um espetáculo de pole dance, menos ainda que sua dramaturgia gire em torno disso.

No meu ponto de vista, o espetáculo “Bach” tem diversos elementos contribuintes para esta pesquisa: existe ali uma dramaticidade no movimento, uma dramaturgia que conta algo corporalmente, barras na vertical. Há uma ausência de outras características que vem do teatro, mas, por se tratar de uma peça de dança, não poderia cobrar tal coisa. Sinto também a falta de uma exploração maior da barra pendurada – no espetáculo, os bailarinos as utilizam somente para subir e trazer uma atmosfera celestial para a cena, mesmo pendulando eles não executam quase nenhum movimento na barra, ficando apenas sentados em um “*seat básico*”³ todas as vezes que vão para esse plano aéreo. A ausência de grandes movimentações na barra também me interessa, pois ressignifica a presença de uma barra de pole dance na cena, mostrando que ela pode adquirir novos significados e que tónus também está presente na ausência de movimento.

Figura 10. Espetáculo Bach e barras



Fonte: Grupo Corpo¹⁰

4.2 ESPETÁCULO “ LAS VIUDAS”

Figura 11. Espetáculo Las Viudas



Fonte: Reprodução Instagram¹¹

¹⁰ Disponível em: <https://grupocorpo.com.br/obra/bach/>. Acesso em 14 set. 2023.

¹¹ Disponível em: <https://instagram.com/las.viudas>. Acesso em 14 set. 2023.

Dirigido por Kynaê Narciso, “Las Viudas” (2022) é um espetáculo de dança utilizado por mim como inspiração para conceber um trabalho sobre pole dance no meio teatral.

Por se tratar de um espetáculo de dança, “Las Viudas” também não utiliza muito da verbalização em cena, e toda a sonoridade do espetáculo é dada através de uma música gravada ou tocada ao vivo por uma orquestra. Outros sons são feitos por elementos cênicos presentes na cena, por exemplo, o salto de 20 centímetros utilizado pelas bailarinas que, ao se chocarem um contra o outro, emitem barulhos. “Las Viudas” não tem uma musicalidade acompanhada por letra, é trazido para o público efeitos sonoros que transmitem sensações e os levam para a atmosfera proposta pelo grupo.

No teatro, isso também acontece, mas em sua grande maioria é mais comum a presença da voz acompanhada de texto. Nos dois trabalhos citados, o corpo é quem fala, o ator bailarino conta a história e dá sentido à narrativa do espetáculo através do corpo, da dança e de seus movimentos ensaiados.

No texto “Quem tem medo do fio dental? A sensualidade como poética no processo criativo de Las Viudas” (2023) disponibilizado no site “Qorpo Crítico” — projeto organizado pelo professor Henrique Saidel, no Departamento de Arte Dramática da UFRGS, que tem o intuito de difundir e inspirar críticos experientes e iniciantes para a escrita de críticas sobre espetáculos e processos criativos —, Kynaê Narciso descreve um pouco sobre o processo de criação de “Las Viudas”. Ao ler tal documento, notamos grande semelhança com os processos que acontecem no teatro.

Kynaê pontua a utilização de um tecido preto simbolizando o luto como elemento cênico para auxiliar na criação dos movimentos de dança. No teatro, isso ajudaria na improvisação das cenas e posteriormente serviria para dar sentido a linguagem da cena. Outra maneira de criação comum no âmbito teatral, para criação de personagens, e que “Las Viudas” se utiliza no processo é inspirar-se nos movimentos dos animais para que possamos fluir e dar uma nova corporeidade para o personagem ou, no caso de “Las Viudas”, das bailarinas.

Figura 12. Espetáculo Las Viudas



Fonte: Qorpo Crítico¹²

¹² Disponível em: <https://www.ufrgs.br/qorpoqritico/quem-tem-medo-do-fio-dental-a-sensualidade-como-poetica-no-processo-criativo-de-las-viudas/> Acesso em 14 set. 2023.

Figura 13. Espetáculo Las Viudas



Fonte: Qorpo Crítico¹³

¹³ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/qorpoqritico/quem-tem-medo-do-fio-dental-a-sensualidade-como-poetica-no-processo-criativo-de-las-viudas/>. Acesso em 14 set. 2023.

O espetáculo dirigido por Kynaê tem como foco a exploração da sensualidade feminina, assunto que é comum na área do pole dance, pois a prática começou a ter maior visibilidade quando introduzida em casas de strip-tease e boates. Esse trabalho reforça o empoderamento feminino, liberdade corporal e tenta desconstruir a prática de pole dance trazendo o mesmo para outro campo (sem apagar, no entanto, parte da sua história que vem das boates e afins). A barra de pole dance, segundo Kynaê, é explorada pelas bailarinas de forma fragmentada, sendo utilizada pelo viés artístico e como uma linguagem de dança sensual e/ou erótica trazendo assim uma atmosfera intimista e sombria.

4.3 ESPETÁCULO “BEIJE SEU PRETO EM PRAÇA PÚBLICA”

Figura 14. Espetáculo Beije Seu Preto Em Praça Pública



Foto: Renê de Palma. Fonte: Arquivo pessoal

Aqui, destaco o processo de criação do meu espetáculo de atuação “Beije Seu Preto Em Praça Pública”, pois nele utilizo da barra de pole dance para criar cenas e auxiliar no meu trabalho como ator, criando movimentações e maneiras de se pôr em cena. “Beije Seu Preto Em Praça Pública” utiliza da barra de pole dance em diversas cenas, dando ênfase para a prática comumente vista em estúdios de pole dance, mas também em algumas cenas ressignificando o uso da barra, trazendo a voz como elemento teatral a se explorar enquanto o corpo executa movimentos de “polear”.

Busquei, de diversas maneiras, unir os elementos teatrais e de dança para que pudesse dar destaque para o pole dance. Tive uma preparação corporal e respiratória muito mais intensa, pois declamar um texto de cabeça para baixo, enquanto tudo que está segurando seu corpo suspenso é uma trava de joelho contra uma barra de inox, não é uma tarefa fácil. A escolha das figuras e movimentações que iriam ser executadas em cena também passou a ser um processo intenso, pois essa pesquisa tinha que ser bem pensada, para que não atrapalhasse a saída da voz, deixando o texto entendível e pudesse mostrar para o público figuras interessantes sendo executadas na barra.

Figura 15. Espetáculo Beije Seu Preto Em Praça Pública



Fonte: Arquivo pessoal

Destaco, no meu trabalho, uma real ressignificação da barra de pole dance, sendo utilizada para executar movimentos, mas dando uma nova visualidade:

“Trazer a prática de pole dance para a cena teatral faz parte de uma pesquisa própria que tento desenvolver unindo minha passagem pela graduação e minha experiência na área do pole dance. Quando coloco aquela barra em cena, ela se transforma, vai para além do plano real e se torna um outro universo. Quero mostrar que a barra de pole dance pode ser muito além de um mastro vertical, em sua grande maioria fabricado de aço inox, e trazer este elemento como um corpo que pode estar na cena, com presença como qualquer outro ator ou corpo vivo [...] No estágio acabei não abordando tanto a presença da barra de pole dance como sendo um novo corpo, um outro personagem, mas trouxe ela na cena para representar esse outro plano imagético, um plano quase que divino, como na cena da “noiva”, um lugar de exaltação e luta que tento trazer com a cena da Madame Satã e um lugar afetuoso para a cena final.” (Domingues, Rafael, 2023.)

Com o auxílio de outros elementos teatrais, como sonoplastia e iluminação, trago para o público um outro ambiente. Na cena denominada como “Noiva”, realizo movimentos de pole coreográfico de maneira leve e lenta, a fim de trazer calma e respiro ao personagem. Junto com a movimentação na barra, insiro um texto de despedida declamado também de forma leve e tranquila para combinar com a movimentação e inserir ainda mais o público nesse clima.

Já na cena da “Madame Satã”, a pesquisa de pole e teatro se dá de forma mais profunda, por se tratar de uma cena com fortes emoções. Decidi transmitir ao público angústia e nervosismo, pois executo movimentos arriscados de pole acrobático, ficando diversas vezes de cabeça para baixo e utilizando a velocidade rápida para subir na barra. Junto de tudo isso, vem um texto que reverencia “Madame Satã”, exaltando-a e contando um pouco seu sofrimento.

A última cena do espetáculo, a “Cena Final”, mostra o pole sendo utilizado da sua maneira convencional, para dançar, mas, ao mesmo tempo, uma projeção adentra a cena com imagens de pessoas pretas em situações de afeto, fazendo com que novamente movimentos leves estejam presentes e assim ambientar o público para esse lugar de calma e afeto.

Para compor os personagens do espetáculo, utilizei diversos exercícios aprendidos em sala de aula no Departamento de Arte Dramática da UFRGS e técnicas que uso nas aulas de pole dance. Muitos desses exercícios e técnicas tem objetivos em comum para ambas as áreas: soltar o corpo e o deixar mais ativo na cena é um desses objetivos. Outros tipos de exercícios que só utilizei no teatro foram

incorporados quando fazia as aulas de pole dance, principalmente exercícios de respiração e vocais, auxiliando assim na minha resistência e disposição vocal quando realizava figuras mais complexas.

4.4 “FUN’ – A FESTA ESPETÁCULO”

Figura 16. Fun - A Festa Espetáculo



Fonte: Arquivo pessoal

Outra experiência artística que contribuiu para que a pesquisa de atuação fosse enriquecida são as performances que realizo na festa espetáculo “FUN!”. Realizada no Ocidente Bar de forma mensal, a festa tem o intuito de unir diversas manifestações

artísticas em performances que ocorrem ao longo da noite. Na “FUN!”, diferente de um espetáculo teatral tradicional, não existe o uso da fala em cena. Estamos em um estado performático adaptado para um ambiente onde a música é alta, o público já não se comporta da mesma maneira quando vai assistir um espetáculo teatral, não existe uma acústica adequada e a quebra da quarta parede é constante, pois existem performances que acontecem no meio da pista cheia.

Nessa festa, eu investigo meu estado performático a partir do personagem “Mosquito”, que tem como ação principal fazer a limpeza das barras de pole dance na festa, mas colocando um viés dramático na ação. Isso tudo torna a “FUN!” um lugar de construção de personagem para mim.

“A Fun! é uma experiência única que mistura diversas formas de arte em um ambiente descontraído e animado. Nessa festa permeada pelo burlesco, o pole dance, circo, arte drag e dança são utilizados de forma criativa e ousada, proporcionando ao público uma noite diferente de tudo o que já vivenciaram. Os 4 DJ's presentes na festa animam a pista de dança com músicas pop e latina, fazendo com que todos se divirtam até o amanhecer. Além disso, os personagens que circulam pela festa fazem performances divertidas e surpreendentes, levando o público a uma outra dimensão de diversão e entretenimento. A festa acontece há 4 anos na casa mais tradicional da cultura porto-alegrense, O Bar Ocidente, um espaço que desde 1980 abriga atores, músicos, artistas plásticos, cineastas, bailarinos, escritores, intelectuais que encontraram no Ocidente um espaço para existir, trocar experiências, criar e se apresentar. Desde então o bar vem sendo palco para as mais variadas expressões artísticas, com uma agenda que além de festas traz teatro, saraus, shows e uma infinidade de eventos envolvendo arte. Sem dúvida, a Fun! é uma experiência imperdível para quem busca uma noite de diversão, arte e muita animação.” (Release da festa-espetáculo FUN!, disponibilizado por Diovana Gheller).

Juntamente desse personagem que interpreto na festa, existem outros personagens com quem interajo. Por exemplo: o “Besouro”, interpretado por Ramon Ortiz, com o qual estou sempre brigando quando encontro; ou a “Aranha”, realizada por Kynaê Narciso, um personagem que procuro me distanciar para não ser “capturado”. Investigo a partir dessas interações com outros atores, como posso realizar a ação de atuar com pessoas que não tem a mesma experiência que eu na prática de pole dance. Investigo, nessa festa, maneiras de interpretar personagens estando nesse estado performático, e misturo a isso minha experiência como pole dancer, enriquecendo ainda mais a performance e me autodenominando *Ator Pole Dancer*.

Figura 17. Ator Pole Dancer



Foto: Enrique Javier Salgado

5. CONCLUSÕES FINAIS: O POLE TEATRAL

Por meio deste trabalho, pude explorar ainda mais a área do pole, trazendo-o mais próximo das artes da cena, principalmente do teatro. Porém, é necessário apontar as dificuldades pessoais e acadêmicas encontradas ao longo da realização desta pesquisa. Durante a graduação, passamos pela pandemia da COVID-19, que impossibilitou por muito tempo a realização do trabalho prático presencial, limitando assim o início da minha pesquisa sobre teatro e pole dance, pois ambos são artes da ação e majoritariamente precisam do contato físico.

Outro grande limitador que surgiu foi a falta de material teórico sobre o assunto abordado. Na verdade, essa pesquisa quase se realizou de forma autônoma, tendo como referência teorias de outras áreas acadêmicas que auxiliaram para estruturar esse trabalho.

Foi realizada, ainda assim, uma ressignificação da barra de pole dance, levando aquele tubo de aço inox para um outro patamar, transformando-o em um outro ambiente, um outro plano que ajuda o ator a contar a história que quiser. Pude usar o termo “Ator Pole Dancer” para me referir a mim e às demais pessoas que têm a vontade de explorar essas duas artes de forma simultânea.

Durante a graduação, a falta de tempo para praticar pole dance também se tornou um problema. No início da criação deste trabalho teórico, eu trabalhava de noite e realizava as atividades acadêmicas pela manhã: faltava tempo hábil para encaixar o pole dance na minha rotina, fazendo com que eu não conseguisse melhor explorar na prática, para então desenvolver uma boa teoria.

Na reta final do meu TCC, minha mãe veio a falecer, e naquele momento eu paralisei. Pensei em desistir e deixar para o próximo semestre, mas como minha pesquisa já estava em desenvolvimento, optei em dar continuidade e finalizá-la, a fim de dar orgulho para minha mãe que sempre sonhou em me ver formado.

Dentre tantos problemas enfrentados para que essa pesquisa se realizasse, percebi que criei mais uma forma de praticar pole dance – dentro do teatro essa barra vertical pode ter mil utilidade e significados, não se limitando apenas para o uso da

dança. Pude encontrar significados para técnicas que aprendi em sala de aula no curso de teatro e, ao mesmo tempo, aplicá-las na prática de pole.

Pole teatral é mais do que atuação a partir da barra de pole dance, é conexão com o objeto, é dar vida a um ser que até então era inanimado, ressignificar seu uso e sua estética a fim de não limitar seu praticante, mas sim dar a ele possibilidades de uso. Explorei o corpo enquanto ator, o corpo que fala, que representa e, ao mesmo tempo, não deixei a voz de lado. E se você ainda acha que a prática de pole dance está voltada somente para a dança ou esporte, sinto informar que estás errado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORPO, Grupo. *Espetáculo Bach*. Disponível em: <<https://grupocorpo.com.br/obra/bach/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

CURY, Cristina Noronha. *Pole dance: considerações sobre a prática e sua multiplicidade*. 2018. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ESCALA, T. EM. *Meyerhold e a biomecânica*. Disponível em: <<https://teatroemescala.com/2019/09/17/meyerhold-e-a-biomecnica/>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

GHELLER, Diovana. *Release da Festa-espetáculo FUN!*. Porto Alegre, 2023. Entrevista realizada em 05 de ago. 2023.

OLINTO, Lidia. *Teatro Pobre: meta ou caminho?*. Universidade Estadual de Campinas – Campinas, Brasil. Disponível em: <<https://scielo.br/j/rbep/a/qgjjh8VBhFktXcXYb5dxPHT/?format=pdf>>. Acesso em 29 ago. 2023.

POLE, Gaia. *História do pole dance*. 2019. Disponível em: <https://news.gaiapole.com/historia-do-pole-dance/?qclid=CjwKCAjwve2TBhByEiwAaktM1ldPdk9oTs7t5RVFXCP021BRRotK4A-mJBtCH-AdAUbRCFEEJ--WcRoCHKQQAvD_BwE>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SAIDEL, Henrique; FERVENZA, Marina. *Brinquedos, duplos e outros corpos performáticos: 'Experimento a Quatro Mãos'*. eRevista Performatus, Inhumas, ano 8, n. 21, jul. 2020. ISSN: 2316-8102.

SANTOS, Rossana Oliveira dos. *Pole Dance: construindo significados com o corpo reflexões para a Educação Física*. Mestrado em Educação Física Instituição de Ensino, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal Biblioteca Depositária, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/51212/1/PoleDanceconstruindo_Santos_2022.pdf> Acesso em: 10 ago. 2023

NARCISO, Kynaê Primon. *Quem tem medo do fio dental? A sensualidade como poética no processo criativo de Las Viudas*. Qorpo Crítico, UFRGS, 2023. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/qorpoqritico/quem-tem-medo-do-fio-dental-a-sensualidade-como-poetica-no-processo-criativo-de-las-viudas/>> Acesso em 06 set. 2023.

_____. *Artigo definido indicativo do feminino singular: A Pole Dance*. UFRGS. 2022. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/241100>>. Acesso em 13 ago. 2023.

ANEXO I – CRÍTICA FEITA POR DIEGO FERREIRA SOBRE “BEIJE SEU PRETO EM PRAÇA PÚBLICA”

BEIJO PRETO DE MOBILIZAÇÃO E PROVOCAÇÃO

O espaço da Galeria La Photo é amplo, lindo e branco. Sim, demasiado branco e ao se instalar nesse lugar o espetáculo "Beije seu preto em praça pública!" consegue subverter esse espaço simbólico de contemplação para evocar uma obra de arte preta de mobilização, que precisa de um pouco de atenção e tempo para ser desvelada a partir das muitas camadas na qual o trabalho foi estruturado. A frase "Beije sua preta em praça pública" ganhou notoriedade ao estampar a capa de uma publicação do MNU (Movimento Negro Unificado) e carregava consigo uma reflexão importante que é o de estabelecer o espaço público como um local de trocas afetivas para negros. E eis que Rafael Domingues se utiliza dessa frase para construir o seu "Beije seu preto em praça pública!" e dentro desse imaginário (e galeria) branco evocar em cena o corpo preto do ator, um corpo muitas vezes hiperssexualizado, mas através das camadas e tessituras propostas pelo espetáculo nos permite a sim, enxergar um corpo preto digno de ser amado e respeitado, mas para chegarmos a dignidade muitas vezes esse mesmo corpo perpassa caminhos dolorosos, cansativos e devastadores. E esses caminhos são evidenciados justamente pela estrutura do espetáculo que faz alusão a cartas destinadas a Madame Satã, figura marginal carioca que personifica a potência do sujeito preto e gay em suas diversas narrativas. E essa estrutura dramaturgica permite que o ator dialogue com um interlocutor mítico mas também dialoga em muitos momentos com a platéia fazendo com que o espectador se torne muito mais do que um voyer e passa a ser espectador ativo, no sentido de não estar ali apenas para contemplar uma obra de arte dentro do museu (teatro!), mas participar de modo reflexivo e também dentro da cena. Por este aspecto o espetáculo dá uma porrada no espectador por estilhaçar uma visão muitas vezes romantizada da vida de pessoas pretas, e aqui vemos a cisão das frustrações do amor com a coragem de ser bixa preta dentro de uma sociedade que segue violentando e tentando expurgar esses

corpos da sociedade. Mas a porrada transforma-se em afeto e carinho muito pela estrutura na qual foi construída a peça que abraça o espectador através da entrega do Rafael Domingues e das suas narrativas sejam elas corporais, estéticas, políticas e dramáticas. Um trabalho que trás a cena gaúcha um novo folego justamente pela entrega de toda a equipe que fez acontecer um espetáculo que é provocativo, belo e político.

*Diego Ferreira - Editor do Olhares da Cena. Dramaturgo, Professor e Crítico de Teatro. Graduado em Teatro/UERGS. Curador do 28º Porto Alegre em Cena. Integrante da Comissão Julgadora do 9º Prêmio Nacional de Dramaturgia Carlos Carvalho. Integrante da Comissão do Prêmio Tibicuera de Teatro Infanto-Juvenil 2023. Vencedor do Prêmio Açorianos 2021 na categoria Ação Periférica com o projeto "Três tempos para a Dramaturgia Negra no RS."

Texto retirado do site Olhares Da Cena. Disponível em:
<<https://olharesdacena.blogspot.com/2023/05/beije-seu-preto-em-praca-publica-rs.html?m=1>>. Acesso: 06 set. 2023.

ANEXO II – CRÍTICA FEITA POR KYNAÊ NARCISO SOBRE “BEIJE SEU PRETO EM PRAÇA PÚBLICO”

BEIJE SEU PRETO EM PRAÇA PÚBLICA

Escrito em formato de cartas à artista transformista Madame Satã, o espetáculo *Beije seu preto em praça pública* estreou dia 31 de março na La Photo Galeria. Em um simpático pátio, já em fila para entrar no espaço destinado à plateia, a emoção é garantida e anunciada logo no início com a aparição do ator Rafael Domingues como uma Julieta em sua sacada que anseia e declara seu amor, mas num estado melancólico de espera e procura pelo afeto. Não há romance. Na verdade, é possível sentir um fragmento de dor como quem recebe um beliscão no coração, como quem foi negado o direito de amar espontaneamente. E o voo em que me encontrei com essa narrativa foi aterrissado algumas vezes pelo uso do pronome “você” que me soou estranho ao ouvido.

Entramos no espaço à convite da linguagem corporal do ator. Um espaço amplo, paredes brancas, pé direito alto. Um espaço que reivindica espaço. Que me pega a entender que não está aqui para se esconder. E se não está para esconder, então que haja destape, o abandono da expectativa de comportamento do gênero, da negritude, da masculinidade cisgênera, da homossexualidade aceitável. Assim, se inicia no centro do espaço cênico, em uma cadeira iluminada por um único lustre, o striptease de um traje social completo que revela por baixo o hipnotizante figurino construído por Iago Jara. E eu, como praticante de pole dance, devo dizer que é um figurino encantador e funcional, oferecendo aberturas nos lugares certos para os grips e holds.

Alguns pesquisadores, incluindo essa que vos escreve, têm reunido esforços para aproximar a pole dance da pesquisa em artes cênicas. Brito (2018), por exemplo, escreve sobre as aproximações entre o Pole e alguns fatores do estudo de Laban, Brochier (2013) investiga as representações sociais que giram em torno da atividade enquanto técnica corporal, abarcando questões de gênero e estigma, além disso, a autora pesquisa sobre o uso da sensualidade como método de criação, e Oliveira (2016) que realiza aproximações entre o pole dance e os estudos de Laban dentro da

coreologia. Nessa perspectiva, Rafael insere a pole dance na cena com sutileza. A barra reluzente surge sem alarde, despertando sutilmente a curiosidade do olhar. Como uma criatura mágica, ela aguarda pacientemente pelo momento de ser tocada pelo ator, transportando-o para um universo novo. Essa ideia é fixada com a troca de luz na cena. Os leds passam suavemente de uma cor para outra sem parar. O que me inquieta. Pergunto: Será que uma combinação das cores ou um mergulho profundo em uma única tonalidade faria mais sentido? Rafael se aproxima do pole e inicia uma coreografia guiada pela cadência da sua fala. Em seguida, a luz se encerra e outra luz de frente se acende revelando uma silhueta curiosa na parede branca da galeria. Dessa vez, o que nos transporta para outra atmosfera é a trilha sonora. Um novo elemento surge no palco. É então que se revelam acessórios para compor o figurino azul de pole dance e, para completar, surgem botas de vinil, que brilham intensamente sob a luz dos refletores. Mais um elemento coreográfico se apresenta. Como se fosse um complemento perfeito para a coreografia do pole dance, o ator inicia uma coreografia em chair dance.

A música segue seu ritmo envolvente, e a voz do ator começa a declamar um texto apaixonado e desejanste. Um corte brusco interrompe a cena e as luzes se acendem, trazendo de volta à realidade. Um áudio é reproduzido. Rafael passa a recolher as roupas que outrora havia tirado. Somos arrancados da cena anterior sem que possamos processar a experiência que acabamos de viver. A imersão na cena havia sido tão intensa que nem percebemos o momento em que a realidade nos alcançou novamente. É como se fôssemos despertados de um sonho bom pelo grito do despertador, e agora precisamos nos ajustar à realidade. Somos colocados em estado de atenção porque a realidade é árida de afeto. É na realidade que habita a negligência, acusação, segregação, ódio, desconfiança e opressão. E a realidade é projetada em grandes proporções em nossa frente enquanto assistimos Rafael na projeção reagindo ao relatório feito por um delegado que descreve Madame Satã. Somos puxados de volta para outra dimensão.

Com uma cesta na cabeça e um vestido de paetê, Rafael volta à cena e com ele voltam as luzes inquietantes mudando de cor. Talvez dessa vez as luzes até fazem sentido, pois agora a trilha sonora é "It 's raining men" das Weather Girls. O ator apresenta uma coreografia potente e logo em seguida revela as muitas camisetas de time de futebol que estavam dentro da cesta. E revela o segredo: uma história de amar. Mas um amar que ama a projeção, que não nos reconhece como somos, nos

pede para ser outra pessoa, que ama uma ideia, uma expectativa. Quem ama o corpo negro? Quem ama o homem negro? Esse homem que de maneira racista é visto como um animal. E sobre isso, o ator faz uma ótima costura entre esse ideal racista do homem negro e a vivência de Madame Satã com a capoeira e reivindica o afeto para o homem negro gay.

A próxima cena nos transporta para outro lugar. Uma mulher entra e oferece quitutes ao público. Rafael entra em cena vestindo um boá amarelo, um leque e sapatos scarpin. O que começa com uma cena leve e engraçada, vai se tornando algo bem conhecido por nós. É o causewashing, a objetificação, erotização e desumanização do corpo negro. Embora tenha sido impactante, a transição para a cena seguinte deixou a desejar em termos de continuidade e coerência. Fiquei com a impressão de que houve uma falha na costura entre as cenas, deixando o público sem saber exatamente o que esperar. Na sequência, o ator aparece trocando de roupa e utilizando o pole para recitar a mesma fala do início do espetáculo, acompanhado por uma bateria de samba. Embora tenha sido uma cena vibrante e cheia de energia, fiquei com a sensação de que faltou uma conexão mais clara com a cena anterior. Seguindo o entusiasmo, agora estamos em qualquer programa de namoro dos anos 2000. Rafael dessa vez interpreta o host. A cena é leve, engraçada e consolida a atuação versátil, orgânica e cômica do ator. Pede para que todas as pessoas negras da plateia se levantem. Seleciona duas pessoas. Será que irão se beijar? Alguns se beijam, outros ficam com vergonha. Quando o beijo chega, o público delira. Gritos e palmas. A celebração do afeto. Celebração do beijo. Celebre seu preto. Beije seu preto em praça pública.

Beije seu preto em praça pública é um espetáculo resultado do estágio de atuação do graduando em teatro Rafael Domingues e estará na Mostra Dad.

REFERÊNCIAS DA CRÍTICA

BRITO, Italo da Silva. **POLE DANCE: estudo de Laban aplicados à verticalidade do pole**. Orientador: Raíssa Caroline Brito Costa. 2018. 41 f. TCC (Graduação) – Curso de Bacharelado em Dança, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018.

BROCHIER, Bianca. **POLE DANCE: um estudo antropológico sobre performance e representações sociais**. 2013. 58 f. TCC (Graduação) – Curso de

Bacharel em Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013

OLIVEIRA, Andressa Karla da Silva. **Pole Dance: Contextos e aproximações com os estudos de Rudolf Laban**. Orientador: Karerine de Oliveira Porpino. 2016. TCC (Graduação) – Curso de Licenciatura em Dança, Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016

SILVA, Geisa Rodrigues Leite da; Kiffer, Ana Paula Veiga. **As múltiplas faces de Madame Satã: estéticas e políticas do corpo**. Rio de Janeiro, 2011. 231p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Texto retirado do site Qorpo Crítico, UFRGS. Disponível em:

<<https://www.ufrgs.br/qorpoqritico/beije-seu-preto-em-praca-publica/>>. Acesso: 06 set. 2023.

ANEXO III – SINOPSE BEIJE SEU PRETO EM PRAÇA PÚBLICA

O texto encenado é estruturado em cartas destinadas à Madame Satã, figura marginal carioca que personifica a potência do sujeito preto, e gay, em suas diversas narrativas. A impossibilidade dos afetos é tema não apenas da correspondência entre o protagonista anônimo que figura no palco e seu interlocutor mítico – que figura no imaginário cultural brasileiro -, mas também do próprio espetáculo, cuja beleza reside na fusão das frustrações do amor com a coragem de ser bicha, e preta, numa sociedade em que tais marcas são violentadas a cada instante.

Em cartaz: 31/03, 01/04, 02/04.

Onde: Galeria La Photo

Endereço: Travessa da Paz, 44 – POA

Horário: 20hrs (a partir das 19hrs distribuição de senhas)

ENTRADA GRATUITA

Duração: 50 min

Ficha técnica:

Elenco: Rafael Domingues

Direção: Bruno Fernandes e Fernanda Fiuza

Fotografia: Renê de Palma

Iluminação: Patrícia de la Rocha

Trilha sonora: Anderson Vasconcelos

Figurino: Iago Jara

Orientação: Thiago Pirajira

Agradecimento especial: Regina Peduzzi Protskof, Vanessa Fiuza, Diogo Silveira, Batista Freire.